

parece adiantar-se à sua própria destruição, apresentando a própria poeticidade como morte de toda a poesia; o pensamento aí se entrega para condenar-se ao nada e a inteligibilidade parece recusar-se a toda e qualquer compreensão." ("Milosz aux limites du poème". *Poétique*, 2). Chegados a tais extremos, não nos socorre senão a fé na poesia e no destino eterno da sua mensagem. Valha-nos, pois, a esperança no

PABLO NERUDA, *Geografía infructuosa*. Buenos Aires, Editorial Losada S.A., 1972.

Em *Geografía infructuosa*, seu último livro, Pablo Neruda declara (como se nos fosse difícil adivinhá-lo) que o ano de 1971 foi *cambiante* para os seus hábitos. Do prêmio Nobel e da delegação chilena em Paris, na qualidade de embaixador, isto é, da notícia e do fato, de relevante interesse biográfico, sabíamos todos. Porém houve mais: aquilo de que só o poeta nos pode dar ciência — o que nem sempre se divulga em entrevista coletiva à imprensa ou em declaração pública. E nos seus versos que ele o denuncia, longe dos *flashes* e das reportagens laudatórias. Aí iremos buscá-lo para aprender se Neruda, Prêmio Nobel, terá sacrificado o chileno uni-

"*siempre habrá poesía*", ainda que à língua de poetas...

O melhor mesmo é começar a aprender o hexagonal ou nos matricularmos num curso de *New math*. Do contrário, estaremos votados à mudez e, o pior, surdos à nova arte. O homem que sabia javanês talvez se fizesse mais útil que nós, pobres herdeiros de uma cultura humanística desprovida de encantos e ... função.

MARIA JOSÉ DE QUEIROZ

versal e cósmico do *Canto general*. A leitura do livro publicado pela Editora Losada será sumamente esclarecedora: nele se prolonga a sua obra em alguns dos seus níveis e temas nucleares e adverte-se, também, uma progressiva tomada de consciência da dor de ser. No desejo agora expresso de "*volver de donde vine, / a la humedad del subsuelo*", porque "não há piedade para o homem entre os homens", renova-se o antigo desabafo seu, "*sucede que me canso de ser hombre*". Esse cansaço, grave e denso, atinge não só a essência do humano mas implica, ademais, no desgaste da própria facticidade pessoal. Já não lhe serve de armadura o pseudônimo, *Pablo Neruda*, atrás do qual julgava defender-se, inaugurando uma nova personagem, alheia ao sangue dos antepassados: "*y creí inaugurar-me: /darme apellido*,

nombrarme a mi mismo/ y crecer en mi propia levadura". A força de levá-lo, usá-lo, gastá-lo, acabaram por confundilo com ele, todos quantos o conheceram. E ao pseudônimo *Neruda* transferiram o conteúdo vital, humano e poético, de inapreensível identidade. Contra ele lavraram-se processos, contra ele se insurgiram como se nele se abrigasse "o raio intermitente da vida". Ao certificar-se da sua destruição "*como un pobre soldado/ medio muerto entre el barro y la batalla*", o poeta se convence da vulnerabilidade do apelido e da extrema fragilidade da vã couraça: inútil esconder-se, inútil calar-se. O nome proclama a nossa presença aos dentes insaciáveis que freqüentam todos os caminhos. A glória, as condecorações, os prêmios apenas cobrem a extensão do nome e é a ele que elegem para a definitiva imortalidade. Daí, sentir-se, apesar da fama e do êxito, "*desnudo después de tantas condecoraciones*".

Ao desgosto de "ser o mesmo ser com nome e número", soma-se o tédio ante a monotonia do tempo, inalterável e inalterado "*que muda sin cambiar su vestidura*". Essa desagradável consciência do absolutismo da rotina, que nos governa e tiraniza, aparece em outros poetas contemporâneos e, muito especialmente, em José Gomes Ferreira que, desesperado, já, de toda surpre-

sa, exclama: "Ah! se acontecesse enfim qualquer coisa! / Se de repente saísse da terra um braço/ e atirasse uma rosa/ para o espaço!"

Para aliviar a pesada carga de ceticismo e desalento, Neruda adia, para um futuro remoto, a desejada mudança que só se verificará, sabe-o bem, quando tudo estiver mudado e quando, com "nome e ossos", também ele se tenha ido, realizando, à partida, a grande e fatal mudança.

Da experiência cotidiana do ser e do estar-aí, da residência obrigada no mesmo corpo e na mesma terra, da estreita obediência às horas e minutos encarcerados no relógio, provém talvez a tentação de habitar um lugar onde jamais esteve, de buscar coisas nunca perdidas e entrar num mercado vazio de gente e de maçãs.

A ausência de tudo, eis a circunstância ideal para aquele a quem aborrece a presença irremovível das coisas na sua mesmice imutável. Tal sentimento refugia-se entretanto na esfera do intelectual. A dor de ser, também fisicamente sofrida, transforma-se em vivência (*Erlebnis*), integrando-se à experiência do vivido sem contudo contaminar, com o seu veneno, a missão do poeta.

Perene e substantivamente assimilada à poética nerudiana, apesar da "*geografía infructuosa*", a que, cético, se refere, é o constante desempenho daquilo a que chama "*propa-*

ganda de cristalria": a missão de claridade que o leva, sempre, a prosseguir no exercício de deveres duramente diurnos como o de abrir janelas e difundir a luz. Sabe, por isso, que *"es necesario/llegar temprano y correr a otra parte/ sin más motivo que la luz de hoy/ mi propia luz o la luz de la noche:/ y cuando ya extendí la claridad/ en ese punto o en otro cualquiera/ me dicen que está oscuro en el Perú,/ que no salió la luz en Patagonia./ Y sin poder dormir debo partir:/ para qué aprendería a transparente!"*

O cantor confunde-se dessarte com o próprio canto: na sua missão, reparte-se e multiplica-se em fragmentos que entram e saem de outras vidas. Desautoriza por isso toda pose, todo alheamento, toda distância a separar o homem de seus irmãos, homens humanos. O voto já expresso e sobejamente defendido no *Canto general* repete-se em "El sobrevi-

JORGE LUIS BORGES, *El oro de los tigres*. Buenos Aires, Emecé Editores, 1972, 168 pp.

Presença perturbadora no quadro atual das literaturas ocidentais, Jorge Luis Borges se tem distinguido pela vasta erudição e pelo culto jamais desmentido da palavra. Na

viente saluda a los pájaros". Titubeante, inseguro às vezes, se abandona a terra é para entregar-se às suas divagações. Habitante transitório das regiões perdidas talvez pareça, então, alienado ou, mesmo, indiferente à sorte dos homens. Mas, não. Suplica-nos, negando e contrariando a súbita distração: *"déjame sacudir el carbón, las arañas,/ el silencio: y verás que soy tu hermano"*.

Els, no verso final com que encerra o livro o melhor desmentido ao título. A sua larga e bem vivida geografia nada tem de *infructuosa*: ensinou-lhe amor. Tanto aprendeu que pôs a sua morada à disposição de tudo quanto cresce:

*"no hay edificación como la mía
[en la selva,
no hay territorio con tantas
[ventanas,
no hay torre como la que tuve
[bajo la tierra."*

MARIA JOSÉ DE QUEIROZ

sua obra, labirinto fantástico, a ilusão, o milagre, a Cabala, a sabedoria milenar, as doutrinas de desconhecidos heresiarcas confundem e desnor-teiam o leitor incauto. Vã, absurda mesmo, parece a aspiração de quantos têm pretendido estudá-la com vista a demarcar-lhe fronteiras, distinguindo o território do real do fictício. Alguns, no desespero da eluci-